

O OLHAR DO IMIGRANTE PALESTINO EM SÃO PAULO

*Ailton José do Amaral**

Resumo: Este artigo é parte de uma dissertação de mestrado, que tem como objetivo estudar a imigração palestina para a cidade de São Paulo, bem como sua influência no desenvolvimento dessa cidade. Neste trabalho, especificamente, tratar-se-á de uma das fontes dessa dissertação. Trata-se na realidade de um estudo de caso: “Seu Abdul”. A intenção deste trabalho é mostrar o olhar do imigrante, baseado em diversas entrevistas, para descobrir os motivos da escolha pelo Brasil, mais especificamente por São Paulo, sua convivência, seu período de adaptação, a construção de uma família e a atual situação desta. São usadas, além de história Oral, documentos, registros de imigração etc., acompanhando sua saga no país, juntando fotos cedidas pelo entrevistado, na intenção de enriquecer o trabalho.

Palavras-chave: Palestinos. Árabes. Adaptação.

The look of Palestinian immigrants in São Paulo

Abstract: This article is part of a master's thesis, which has as its objective to study the Palestine immigration to the city of São Paulo, as well as its influence on the development of this city. In this work, specifically we deal with one of the sources of the dissertation. It is in reality a case study: “Seu Abdul”. The intention of this paper is to show the immigrant's look, based in various interviews, to discover the reasons for his choice to come to Brazil, more specifically Paul, his life, his period of adjustment, the construction of a family and it's current situation. In addition to Oral History, documents and records of immigration are used, accompanying his saga in Brazil, by adding photos conceded by the interviewee, in intention to enrich the work.

Keywords: Palestinians. Arabs. Adaptation.

O conceito fechado de diáspora se apóia sobre uma mesma concepção binária de diferença. Está fundado sobre a construção de uma fronteira de exclusão e depende da construção de um “Outro” e de uma oposição rígida entre o dentro e o fora (HALL, 2009, p. 132).

O estudo da imigração palestina constitui um desafio, tendo em vista apresentarem algumas características próprias em seu movimento migratório. Sem um país que possam chamar de seu, alguns não conseguem viver em um território em constantes disputas, sem condições de alcançar uma qualidade de vida melhor. Grande parte dos imigrantes veio da Cisjordânia,

* Mestrando em História Social pela PUC – SP. Bolsista pela CAPES. E-Mail :aylton@ayltondoamaral.com.

e não como refugiados, mas como pessoas em busca de condições melhores de vida. Chegam como turistas, normalmente a convite de parentes e amigos que já estão por aqui. Normalmente a primeira opção sempre é os Estados Unidos da América. “ Eu achei: Sou moço novo... todo mundo sai vai prá Estados Unidos, eu não ia vir aqui de Brasil... Eu ia prá Nova York, [...]. eu tava querendo ir, mas achei mais fácil prá ir de Brasil né ?”¹

Essa movimentação de pessoas da Palestina para outros países descaracterizou os controles alfandegários, misturando a “nacionalidade”² Palestina à outras nacionalidades de origem árabe, trazendo dificuldades no sentido de separar os Palestinos desta massa de Sírios, Turcos e Libaneses. Constatamos uma carência de documentação que direciona minha pesquisa, quase exclusivamente para obtenção de fontes na oralidade.

“[...] é difícil saber quantos são os imigrantes palestinos. Não temos a precisão da burocracia, mesmo para os casos de regularização de papéis no Brasil. Para exemplificar, por trás da regularização de papéis de um jordaniano no Brasil pode haver uma história de uma evasão de uma família palestina que seguiu para a Jordânia e depois enviou seu filho para a América. Mais adiante, mediante contatos familiares e por casamentos por procuração, a família pode custear a vinda da esposa desse filho, que, por hipótese, pode vir do Kuwait. Entenda-se que isso se deve à conexão das carreiras de trabalho no Oriente Médio, mas essas imprecisões quantitativas nos aproximam ainda mais da singularidade da experiência recente dos palestinos. Uma experiência que é referida pelos informantes, por especialistas em imigração palestina, como uma diáspora.” (JARDIM, 2006)

A relevância acadêmica deste estudo é criar uma fonte de estudos específicos desta população que sai de uma situação de conflito e vem se instalar em uma cidade cosmopolita como São Paulo, tendo em vista a carência de estudos neste recorte específico.

Todo o trabalho será um diálogo com Stuart Hall, analisando diáspora e mediações culturais.

No Brasil, a década de 50, foi bastante significativa para a imigração árabe como um todo. A maioria é constituída de cristãos do Líbano e Síria,³ e os imigrantes de outras localidades como Turquia, PALESTINA, Egito, Jordânia e Iraque são em número bem menor (IBGE, 2000 p.183). Segundo

¹ Entrevista concedida pelo “Seu Abdul” em 06/11/2011.

² Na realidade, não existe uma nacionalidade palestina, este povo já foi turco, inglês, jordaniano e agora pertencem a um “protetorado” israelense administrado por um grupo chamado de “Autoridade Palestina”.

³ Tive uma grande dificuldade no levantamento documental e de dados numéricos da nacionalidade Palestina, tendo em vista que a grande maioria chegou via Síria, e nos registros constam a nacionalidade Síria, dentre outras como Líbano, Turquia, Iraque, ou Egito. No caso dos Palestinos, todos os que vieram depois de 1948, portavam passaportes Jordanianos. Isto também aliado à falta de documentação e literatura a respeito. Em termos numéricos, o IBGE os inclui entre Sírios e Turcos, dificultando enormemente a obtenção de dados demográficos dos Palestinos em separado.

Visentini (VISENTINI.2009 P.71), a política externa brasileira focava, como sempre, sua diplomacia nos Estados Unidos, buscando uma valorização industrial. Isto contribuiu como uma fase atuante do Ministério das Relações Exteriores, ampliando o número de missões brasileiras em outros países. Foram abertos consulados na Indonésia, Afeganistão, Islândia, Israel e a elevação das representações para embaixadas na Iugoslávia, Austria, e Holanda. Criando campanhas de propaganda do Brasil no exterior.

O Brasil, após a escravatura, deu início a aceitação de imigrantes vindos de diversas partes do mundo, como substituição de mão de obra, ou segundo outros autores, também como uma tentativa de “embranquecimento” da população.

É da República Velha (1889-1930) a tendência de intelectuais pensarem o Brasil e discutirem a viabilidade de haver uma civilização nos trópicos. Dois seriam os obstáculos a esse projeto: raça e clima. Intelectuais como Silvio Romero, Euclides da Cunha, Nina Rodrigues, Oliveira Vianna e Artur Ramos, preocupados em explicar a sociedade brasileira através da interação da raça e do meio geográfico, eram pessimistas e preconceituosos em relação ao brasileiro, caracterizado como apático e indolente, e à nossa vida intelectual, vista como destituída de filosofia e ciência e eivada de um lirismo subjetivista e mórbido. A única solução visualizada era o embranquecimento da população através da vinda de imigrantes europeus. (ROWEN, p 260)

São Paulo começou a despontar no desenvolvimento industrial, comercial e social no final do século XIX e início do Século XX (PÓVOA, 2010 p.126), todos os investimentos e negócios se dirigiam para esta capital, que a tornava próspera e atraía inúmeros migrantes vindos de todas as partes do mundo e do Brasil.

O desenvolvimento da cidade de São Paulo pode ser resumido nas seguintes fases: economia cafeeira (1890), industrialização (1919) e metropolização (1930-1940), que possibilitaram o desenvolvimento urbano e incremento populacional. A população dobrou de tamanho no início da economia do café. A população rural crescia muito menos que a urbana. A industrialização e a urbanização foram intensas, principalmente na capital (PÓVOA, 2010 p.126)

Segundo Póvoa (PÓVOA, 2010 p.126), A economia cafeeira inicialmente se iniciou na região serrana em torno da cidade do Rio de Janeiro, motivado principalmente pelas atividades econômicas intensas que tinham lugar na então capital do Brasil. No entanto, as condições ambientais não eram condizentes e aos poucos as plantações foram migrando para a região do Vale do Paraíba, o que foi facilitado pelo crescimento da cidade de São Paulo, tornando viável seu deslocamento para terras paulistas. Todo este deslocamento provocou um círculo de progresso: o café alimentando economicamente São Paulo e o desenvolvimento econômico de São Paulo faci-

litando a cultura do café, que além de encontrar condições ambientais, havia condições econômicas e tecnológicas favoráveis.

Segundo Paiva (PAIVA, 2008 P 58), os perfis dos imigrantes árabes que chegavam a São Paulo entre o final do século XIX e início do século XX, eram agricultores em sua grande maioria, no entanto, os imigrantes que chegaram entre 1950 e 1970 já possuíam habilidades mais voltadas para atividades urbanas e industriais, utilizando-se da vocação dos árabes para o comércio.

Desembarcados no Rio ou em Santos, a opção de trabalho das primeiras levas dirigiu-se ao comércio. O objetivo da maioria dos jovens solteiros era fazer algum capital e para poder voltar a aldeia natal. Embora pobres e, em geral afeitos ao trabalho agrícola, o sistema da grande propriedade era um entrave para o estabelecimento no campo. Poucos foram os árabes que após o desembarque dirigiram-se para a agricultura, havendo histórias de famílias nas quais isso ocorreu após formarem um pequeno capital no comércio facilitando a compra de fazendas. (IBGE, 2000 p.185)

Seu Abdul nasceu na Palestina, na área hoje intitulada “Cisjordânia”⁴, na cidade de Al-Mazraah as-Sarqiyah, conforme trecho da entrevista abaixo:

Quer dizer, eu nasci em Balastina, quanto tava aí era Balastina, mas minha cidade já outra né ? Al-Mazraah as-Sarqiyah, Al-Mazraah as-Sarqiyah, porque tem duas : Al-Mazraah, tem : Al-Mazraah de Norte e tem : Al-Mazraah, e ... de outro né ? Também Al-Mazraah as-Sarqiyah... então escreve Al-Mazraah, tá bom, muito melhor não precisa saber esse.. Barastina, nasci lá... isso. ⁵

Após morar por um período de 20 anos em Garça - SP, Seu Abdul é convidado por amigos para trabalhar em São Paulo em 1965, onde conhece o seu sócio e grande Amigo Victor Stockunas, onde floresce uma amizade sólida que perdura até hoje, mesmo sem o vínculo da sociedade.

(...) Eu era sócio de Victor “no Motel, de Lotaria..., mas depois... tem minha casa prá morar né ? Fui lá de passear, tenho irmão, dois irmão lá de Nova York e uma irmã lá, eu fui lá visitar.... É eu sempre trabalhei (Trecho em Árabe) é... Teve aqui, teve lotérica, eu ele⁷ aí eu... parei... comprei posto de gasolina, também, mas lucro muito pequeno, eu caiu fora né ? Aí eu tem cinco casas de aluguel, tem uma casa dei prá meu filho, quatro casa de aluguel... Recebo um pouco de

⁴ Divisão territorial que fica na margem oeste do Rio Jordão.

⁵ Entrevista obtida em 06/11/2011 em São Paulo – SP

⁶ Victor Stockunas, varias vezes referenciado pela fonte, trata-se de seu sócio e a pessoa que me levou a conhece-lo. Também utilizado como fonte complementar. Entre outras informações esta fonte declarou que o Sr Abdul fez parte integrante das lutas, tendo levado até um tiro. Em posteriores questionamentos sobre este tiro, p Sr. Abdul afirmou que se tratou de um acidente, quando um primo brincava com uma arma de fogo.

⁷ Seu sócio Victor.

aposentadoria, não vou levar nada nas costa, e tá tudo bem Garças a Deus. Tem 80 anos de saúde e.. tem saúde e... foi operado mas...⁸

Ao chegar em São Paulo, seu Abdul, passa a residir na Vila Alpina, onde na época ainda não havia cemitério. Existe uma história muito rica a respeito deste bairro e de sua situação na época em que ele chegou a São Paulo.

(...)Vila Alpina não tinha o cemitério, aquele de lá. ... Bom, não tinha, cemitério. ...Não tinha cemitério, quer dizer, tinha área lá prá passear, né... É tinha muita coisa, eu que tinha um terreno, comprei um terreno, comprei uma casa, comprei um terreno aqui, (gesticulando). ...E Uma casa ali adiante, de frente.⁹

Na época de seu nascimento, a Palestina estava ainda sob a administração da Inglaterra, que iniciou no fim da Primeira Guerra Mundial, com a expulsão dos Turcos da região.¹⁰ Como notamos em sua declaração abaixo, Seu Abdul é oriundo de famílias camponesas, donas de plantações de figo, uva, lentilha, azeitona, tendo algumas inclusive complementando a renda fabricando um azeite de ótima qualidade, criação de cabras e com a venda de tecidos, normalmente confeccionado pelas mulheres.

Mas a gente tinha prantaçón de uva né, tem.. de figo tem prá prantá.. trigo, Natilha, então, nossa cidade tem zeituna,.. né, então nossa cidade não é cidade grande como Jerusalém, como Ramallah, em Ramallah eles tem também terra.. lá.. tem povo que mora, que sai, mas que eles.. tem terra, vizinho né ? Tudo cidade que eles tem... é... agora tem terra, mesma coisa daqui né, como São Baulo eles tem é... São Baulo, mas a terra... Num tem gente terra prá usá. Agora de interior com.. como cidade de interior, tudo tudo mora lá mas tem terra, nós mora mas em cidade de interior... lá..¹¹

Nesta época, existiam basicamente dois tipos de trabalho que eram realizados pelos Palestinos que viviam nesta região, alguns se dedicavam ao Comércio e outros á agricultura, e em alguns casos ambos.

Quem mora em Jerusalém muito difícil que eles tem vizinho terra prá plantá, eles têm comércio e lá também que mora em Jerusalém tem mais.... Tanto nós como outro parente tudo têm terra...¹²

⁸ Entrevista obtida em 06/11/2011 em são Paulo – SP

⁹ Entrevista obtida em 06/11/2011 em são Paulo – SP

¹⁰ Esta fase pode ser melhor ilustrada no Filme considerado um clássico, chamado “Lawrence da Arábia” dirigido por David lean e Michael Wilson, tendo como protagonista o ator Peter O’ Toole, produzido em 1962

¹¹ Entrevista obtida em 06/11/2011 em são Paulo – SP

¹² Entrevista obtida em 06/11/2011 em são Paulo – SP

Vivendo em um território em constantes disputas, dominado por diversas civilizações no decorrer de sua História, nascendo eu uma terra dominada por Ingleses e depois por Judeus, que exerceram seu domínio através das armas, Seu Abdul conta, embora com muita dificuldade de lembrar devido à idade e também ao temor de retaliação aos seus parentes que ainda permanecem na “terra”, ainda conseguimos ter uma pequena idéia do que era a região nestes tempos:

(...) Então chegou deu ordem: Todo mundo sai fora de... tudo casa pode ser aberta¹³, não é cidade grande, era pequena né ? Mas tudo brigando contra ocupação de Inglaterra, inglês (Trecho em Árabe) ... matou mais de que... não sei quanto.. foi o... morreu gente, perdeu perna, braço, mas pagou indenização pra eles. Quem foi morto, ...é... pagou indenização. Quer dizer, a lei é deles né. Mas agora....^{14 15}

Questionado sobre a motivação de vir para o Brasil, tivemos a seguinte resposta:

(...) Eu achei: Sou moço novo... todo mundo sai vai pra Estados Unidos, eu não ia vir aqui de Brasil... Eu ia pra Nova York, é porque eu tem irmão, irmã lá de Nova York... eu tava querendo ir, mas achei mais fácil pra ir de brasil né? ...É, porquê aqui... Brasil... Eu fui lá de embaixada na Síria.. que eles tava dando licença para povo de Barastina de povo... e eu vim... governo autorizou e eu vim aqui, casei aqui...¹⁶

O fato de emigrar para outros países, em busca de uma vida melhor, não descarta desafios que são apresentados; novo país; nova língua; novos costumes. Tudo isto também veio acompanhado de sustos quando da viagem para o Brasil, quando houve uma grande tempestade pondo em risco a vida dos passageiros do navio.

Eu vim de navio. Mas tava temporal (risos) quase navio afundou. Deu um temporal, com mar brabo.. não sei.. depois de passou de Tlantic¹⁷ deu uma coisa... quase afundou, mas depois, não afundou.. sorte... Todo mundo desmaiou... Mas graças a deus, não aconteceu nada.¹⁸

¹³ Estas ações também, têm efeito até hoje, na ocupação israelense.

¹⁴ Em virtude de ter convivido mais tempo durante a administração Britânica, suas memórias são mais nítidas por esta época. Ele também se sente mais tranquilo em falar deste tempo, por não se sentir ameaçado.

¹⁵ Entrevista obtida em 06/11/2011 em São Paulo – SP

¹⁶ Entrevista obtida em 06/11/2011 em São Paulo – SP

¹⁷ Referência à passagem pelo Estreito de Gibraltar, entrando no Oceano Atlântico.

¹⁸ Entrevista obtida em 06/11/2011 em São Paulo – SP

Seu Abdul chega ao Porto de Santos em 19 de Novembro de 1956, partindo em seguida para Jatahy em Goiás, cidade destino de um amigo que viajou em sua companhia, onde fica por 1 mês, partindo em seguida para Garça SP, cidade onde moravam 2 de seus irmãos.

Após passar os sustos da viagem, chegaram os novos desafios. Como se estabelecer, ganhar a vida em um país completamente diferente? E a língua? Como aprender a falar a língua com rapidez suficiente para pelo menos começar a trabalhar em algum lugar. Afinal, alimentação não pode esperar que se tenha tempo de ficar fluente na língua. Esta é a capacidade digna de mérito nestas pessoas que saem de sua região, e se aventuram em outras terras, pois a necessidade faz com que em tempos normais toda esta adaptação tomaria um grande período de tempo, e no entanto, sobram recursos, improvisações e formas de adaptação, que uma pessoa normal, em sua zona de conforto jamais saberia:

(...) É, falava um pouco de inglês, e... What is your name, thank you, isso aqui não... Foi difícil... Eu escrevia árabe, bom dia, aí eu escrevia bom dia. Como chama fala samahadia ? Nós árabe fala Samahadia, aí eles fala bom dia, então eu escrevia bom-dia Samahadia. Fala Salam Alaikum, boa tarde, bom dia... escrevi bom dia. Me dá café...¹⁹ ...Abdul: Tem café ? Aí cawhua, tem hobses ? Pão. Então aí... Aonde pega ônibus ? Aí eu escrevia aonde pega ônibus. Então eu escrevia, então eu... já não... Aonde fica o oriente ? Aí meu deus! Sei lá... Aonde fica 25 de março ? Como é que eu faço ? Então eu... Tem cawhua então não sabe falar está escrito, fala isso aqui... Porque falei durante escola, eu escreve árabe, estudei um pouco de Inglês, na escola. Fala what is your name, como chama, tank you very much come here, vem cá, né. This is a this is a more... bread... pão. Certo? Water,... é... água. Left, right, é... quer dizer.²⁰

Alguns começaram a vender roupas e montaram sua própria “mala” de mercadorias onde iam de casa em casa com uma clientela fixa, já vendendo a prestação, prática adotada posteriormente pelo comércio em geral. Alguns eram até chamados de “Turco da Prestação” (IBGE, 2000 P 186). Com esta concorrência, os mascates portugueses, que eram muito rígidos em seus negócios, juntamente com os Italianos, foram perdendo terreno nesta modalidade de vendas, denominada “Comércio Popular” (IBGE, 2000 P 186)

O trabalho de mascate pelo qual muitos começaram no comércio já era exercido anteriormente por imigrantes portugueses e italianos, tanto em São Paulo como no Rio. Mas a mascateação, que se tornaria uma marca registrada da imigração árabe, foi completamente alterada pelos recém chegados. (...) trabalho inicial com miudezas bijouterias (terços e jóias) expandida com o tempo e o acúmulo de

¹⁹ Ele escrevia em um papel a palavra em Árabe e a tradução em Português, escrito pela escrita árabe.

²⁰ Entrevista obtida em 06/11/2011 em São Paulo – SP

capital, para tecidos, armarinhos, lençóis, roupas prontas, artigos que pudessem ser vendidos em lugares isolados ou nos vilarejos, sendo transportados dentro de uma mala ou em baús. O ideal era que cada mascate levasse nas viagens o máximo de artigos que pudesse carregar, citando-se casos em que alguns chegaram a levar 80 quilos de mercadorias. (IBGE, 2000 P 186)

Uma característica de São Paulo também mencionada por Póvoa é que em São Paulo, nunca existiram “Guetos” de quaisquer nacionalidade ou etnia, como era comum nos outros países. O que existiam eram bairros que que os imigrantes se reuniam devido a redes de nacionalidades e de parentesco(PÓVOA 2010 p 133). Os Árabes, incluindo os Palestinos, tendem a se misturar com a população local, muito mais do que as demais nacionalidades, sem que esta mistura influencie seus costumes da terra mãe.

Com o tempo, e a melhora da tecnologia, o navio deixou de ser um fator fundamental na Imigração, foi sendo substituído pelo avião, o que facilitou sobremaneira a ida a outros países da América Latina.

Seu Abdul é uma figura pacífica, não gosta muito de se relacionar com a comunidade, nem com os vizinhos, sociável mas não gosta muito de festas e saídas, prefere ficar sossegado em casa. Ao se questionado sobre conhecimento de outros Palestinos ele responde:

(...) Não... Tem um Patricio.... Mas não tem... não tem tempo prá ficar perdendo, eu não gosto de ficar em casa de outro. Quanto menos, melhor. Quer dizer também minha cidade não tem... parente não tem... Tinha dois velho (Trecho em Árabe)²¹ brimo meu, Irmão de minha mãe, morreu. ...Então quer dizer que não tem é... nada prá (Trecho em Árabe) conhece aqui alguém.. e eu também, 80 anos...²²

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Já de idade avançada, e com problemas de memória devido à anestesia em cirurgia recente, seu Abdul conta histórias interessantes de seu tempo na Palestina, mesmo com a dificuldade de se lembrar. Ao ser questionado sobre a participação direta no conflito, as informações vem de forma bastante difícil, mas aos poucos as informações vão surgindo

(...) De Barastina é... isso aqui... quando cheguei, moço novo, com idade de 25 anos, 24 anos é... já moço é... participa de amizade moço, não tem como você vai se vai dizê...²³... Não os Israelenses é... prá dizer a verdade prá você.. nós teve bastande vende uva, plantaçõn de uva, minha cidade (Trecho em Árabe) e o tempo de uva, mês de Setembro, Agosto, e Israelense, Judeu, Yahud, não fala

²¹ Durante a entrevista, por diversas vezes inseriu palavras em árabe e em Inglês.

²² Entrevista obtida em 06/11/2011 em São Paulo – SP

²³ Todas as vezes em que eu entrei neste tipo de assunto, encontrei reações diversionistas.

Judeu.. ..Yahud (tosse) eles ia mês de Setembro, aparece em Setembro, Outubro, cada dois três dia, vem um caminhão de Tel viv, pegava um caminhão cheio de uva prá vende, lá, relacionamento, tava ótimo, não tem queixa nenhuma .. como falava... eu trabalhava lá, e Judeu é.. eles não fala Judeu, fala Yahud.... Quer dizer, tinha relacionamento deles, não tem igual, eles vai lá de Jerusalém, tudo negocia, não tem queixa de nenhum, então (Trecho em Árabe) de Inglaterra. Presta atenção ! Depois da guerra Inglaterra né ? Aí cabou a guerra, deixou tudo os armamento prá Judeu, presta atenção, deixou tanque, deixou tudo, e se mandou. Eu não sei se eles (Trecho em Árabe) e nós não leva nada, eu não sei... Mas deixou tudo . E aí deixou Israel ficou maior potência lá de Barastina. Aí quando eles... eu num tava lá.. não... quer dizer... não é... quando cresceu... é... brincou, ficou a Jordânia de um parte, quando pegou os armamento de Inglaterra e... já ficou um metade de Barastina com Jordânia a um metade um parte aonde Tela Aviv, Yaffo, Haifa né ? Haifa, também nós tem um parte, Haifa tava misturada, Árabe e Judeu, mas num.... eu era mocinho né ?...²⁴

Trata-se de uma pesquisa ainda em andamento, com alguns resultados alcançados e alguns por alcançar. Até agora notamos que existe uma divisão entre os entrevistados. No caso de ‘Seu Abdul’, há uma completa e perfeita adaptação ao Brasil, não havendo vontade de retornar à pátria de origem, no entanto existem fontes que ainda manifestam pelo menos o desejo de ser enterrado no “solo sagrado”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LIVROS:

- ALI, Tariq. *Confronto de Fundamentalismos*. Rio de Janeiro: Record, 2002
- BATISTA, Marta Rossetti/GRAF, Márcia Elisa de Campos. *Cidades Brasileiras II políticas urbanas e dimensão cultural*. São Paulo: São Paulo IEB-USP, 1999. 160 p.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, a arte da política: Ensaio sobre a literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BOTELHO, André / SCHWARTZ, Lilian Moritz (Orgs). *Agenda Brasileira: temas de uma sociedade em mudança*. São Paulo: Cia das Letras, 2011. 580 p.
- BRENER, Jayme. *Ferida aberta: o oriente médio e a nova ordem mundial*. Ed. São Paulo: Atual, 1995. 102 p
- CATTAN, Henry. *A Palestina e o direito internacional: aspectos jurídicos do conflito árabe-israelense*. Curitiba: Grafipar, s.d. 256 p.
- CERFAZ, *Torá: A Lei de Moisés*. Rio de Janeiro: Perspectiva, 1962. 685 p.
- DOLAN, David. *Guerra santa para terra prometida: a luta de Israel para sobreviver no Oriente Médio*. São Paulo: Candeia, 1993. 288 p.

²⁴ Entrevista obtida em 06/11/2011 em São Paulo – SP

- DUPAS, Gilberto; VIGEVANI, Tullo (org.). *Israel-Palestina: a construção da paz vista de uma perspectiva global*. São Paulo: Editora UNESP, 2001. 322 p.
- FAYEZ, Ahmed, Sayegh, Fayes A. *Sionismo na Palestina*. Rio de Janeiro: Delegação da liga dos Estados Árabes, 1969. 108 p.
- FISK, Robert. *Pobre Nação: As Guerras do Líbano Século XX*, Tradução Vítor Paolozzi. Rio de Janeiro: Record, 2007. 560 p.
- FREDIANI, Andrea. *Jerusalém: As Páginas mais sanguinárias da História da Cristandade*. São Paulo: Bertrand Brasil, 2011. 256 p.
- GATTAZ, André. *A Guerra da Palestina: da criação do Estado de Israel a Nova Intifada*. São Paulo: Usina dos Livros. 2002. 240 p.
- GUINZBURG, Carlo. *O queijo e os Vermes: O Cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 2005. 102 p.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2009. 410 p.
- HILLS, Ken. *As Guerras árabe-israelenses*. São Paulo: Ática, 1992. 32 p.
- IBGE, Centro de Documentação e Disseminação de Informações. *Brasil 500 anos de Povoamento*. Rio de Janeiro: IBGE, 2000, 232 p.
- LANDOWSKI, Eric. *Presenças do Outro*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002. 215 p.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 5ª Edição. Campinas: Editora da Unicamp, 2003, 546 p.
- MARGULIES, Marcos. *Os palestinos*. Rio de Janeiro: Documentário, 1979. 230 p.
- MESA, Roberto. *Palestina, fundamentos históricos e jurídicos do direito a autodeterminação do povo palestino*. Brasília: Liga dos estados árabes, 1990. 60 p.
- MONTENEGRO, Antonio Torres. *História Oral e Memória: a cultura popular revisitada*. 6 ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010. 153 p.
- OLIC, Nelson Bacic; CANEPA, Beatriz. *Oriente médio e a questão palestina*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2007. 112 p.
- PAIVA, Odair da Cruz/Soraya Moura; *Hospedaria dos Imigrantes de São Paulo*. São Paulo: Paz e Terra, 2008. 101 p.
- PAVIS, Patrice. *Análise dos espetáculos, a: teatro, mímica, dança, dança-teatro, cinema*. São Paulo: Perspectiva, 2003. 323 p.
- PORTELLI, Alessandro. *Ensaio de História Oral*. [Seleção de textos Alessandro Portelli e Ricardo Santiago; tradução Fernando Luiz Cássio e Ricardo Santhiago]. São Paulo: Letra e Voz. 2010
- PÓVOA, Carlos Alberto. *A Territorialização dos Judeus na Cidade de São Paulo*. São Paulo: Humanitas, 2010. 264 p.
- QUEIROZ, Maria Isaura; org. *O imaginário em terra conquistada: São Paulo: CERU; 1993. 144 p.*
- RONDOT, Pierre. Tradução: PINHEIRO, Maria Luisa. *O Conflito Israelo-árabe*. Lisboa: Dom Quixote, 1967. 111 p.
- ROWEN, George Oliven. *Identidade Nacional: construindo a brasilidade*. in BOTELHO.
- RUSSEL, Michael. *Palestine or the Holly Land From the Earliest Period to the Present Time*. Edimburgh: Amazon A-Book; 1835. 208 p.

- SAHD, Fabio Bacila: Oriente médio desmistificado; fundamentalismo, terrorismo e barbárie. Curitiba, CRV, 2011. 249 p.
- SAID, Edward W (1978). Orientalismo: O Oriente como invenção do ocidente. São Paulo: Cia das Letras, 2007
- SALEM, Helena. *Palestinianos, os novos Judeus*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1977. 147 p.
- SALEM, Helena. *Entre árabes e Judeus: uma reportagem de vida*. Rio de Janeiro: Brasiliense-RJ, 1991. 120 p.
- SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. *Cidade das Águas: usos de rios, córregos, bicas e chafarizes em São Paulo (1822-1901)*. São Paulo, SENAC, 2007 317 p.
- SANTOS, Carlos José Ferreira dos. *Nem tudo era italiano: São Paulo e Pobreza 1890-1915*. 3ª Edição. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2008, 196 p.
- SANTOS, Maurício Silva. *Divergências atuais no oriente médio: Israelenses, Palestinos e suas razões*. Rio de Janeiro: E-papers Serviços Editoriais Ltda., 2002, 136 p.
- SCALERCIO, Marcio. *Orientes Médio: uma análise reveladora sobre dois povos condenados a conviver*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Campus, 2003. 301 p.
- SCHEHADEH, Raja. *Caminhos Palestinos*. Rio de Janeiro: Record, 2009. 238 p.
- SCHULTZ, Samuel J. *A História de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Semeadores da Palavra e-books evangélicos, 2008. 249 p.
- SENNET, Richard. *Carne e Pedra: O corpo e a cidade na civilização Ocidental*. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 2006. 307 p.
- SMITH, Dan. *A Atlas do oriente médio: o mapeamento completo de todos os conflitos*. São Paulo: Publifolha, 2008. 144 p.
- SHLAIM, Avi. *A Muralha de Ferro: Israel e o mundo árabe*. São Paulo: Fissus, 2004. 792 p.
- SZTERLING, Sílvia. *A formação de Israel e a questão palestina*. 1ª edição, 3ª impressão. São Paulo: Ática, 2001. 64 p.
- TINNIN, David B.Christengen, Dag. *O esquadrão da vingança*. Rio de Janeiro: DIFEL 82, 1977. 207 p.
- TODOROV, Tzvetan. *O medo dos Bárbaros: para além do cheque das civilizações*. Petrópolis Vozes: 2010. 207 p.
- TREIGNIER, Michel. *Guerra e paz no oriente médio*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1998. 63 p.
- VISENTINI, Paulo Fagundes. *Relações Exteriores do Brasil II*. 2ª Edição. Petrópolis: Vozes 2009. 220 p.
- VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha; KHOURY, Yara Maria Aun. *A Pesquisa em História*. São Paulo: Ática 2007. 80 p.
- WILSON, Robert R. *Profecia e sociedade no antigo testamento*. São Paulo: Paulinas, 1993. 294 p.
- WOLFF, Fausto. *Os Palestinos Judeus da terceira guerra mundial*. São Paulo: Alfa-ômega. 1986. 135 p.

ARTIGOS:

- HAMID, Sônia Cristina. *Ser Palestina no Brasil: memórias de guerra, experiências do gênero*. Brasília. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social Universidade de Brasília (UnB) 2010. Obtido em <http://www.icarabe.org/artigos/ser-palestina-no-brasil-memorias-de-guerra->

152 AMARAL, Ailton José do. O olhar do imigrante palestino em São Paulo.

experiencias-de-genero

JARDIM, Denise. Fagundes. *Os Imigrantes Palestinos na América Latina*. Estudos Avançados vol. 20 no 57, São Paulo May/Aug 2006. In http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0103-40142006000200013&script=sci_arttext